

# A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA SOB O OLHAR DO EDUCANDO

Patrícia Gomes Barca Ferrari<sup>1</sup>  
Maria Lucia Suzigan Dragone<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a opinião de alunos a respeito de uma prática de leitura literária realizada no 9º ano do Ensino Fundamental II em uma escola pública. Os conceitos teóricos de Larrosa, Freire e Mafra configuram-se como embasamento deste estudo. Os dados revelaram o despertar nos alunos em criticidade, interesse e identificação com o texto, demonstrando que o ato de ler vai além da sala de aula, destacaram a leitura de mundo que cada aluno traz consigo, e revelaram a necessidade de sentirem-se parte ativa do processo de leitura.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura; metodologias de leitura; leitura de clássicos.

## Apresentação

Este artigo traz a opinião de alunos a respeito de uma prática de leitura literária realizada no 9º ano do Ensino Fundamental II em uma escola pública, parte integrante de uma pesquisa mais ampla a nível de mestrado. A partir da observação de uma atividade leitura, realizada por uma professora designada para desenvolver um projeto apoiado por uma fundação particular, a pesquisador, após o término da leitura do processo de leitura de uma obra, convidou cinco alunos para serem entrevistados sobre a prática de leitura realizada, e obteve respostas únicas a respeito das experiências vivenciadas.

## As palavras escritas na ampliação do saber

As palavras têm força de sentido na produção de nossos pensamentos, pois pensamos com palavras. Neste sentido, ler as palavras do outro, escrever o que é lido e ler o que é escrito ampliam o saber, agregando ao repertório do leitor palavras novas. A linguagem é indispensável nas relações do indivíduo com o mundo, distante de um mero conjunto de signos linguísticos utilizados para expressar sentidos (LARROSA, 2002).

Ler é atividade que propicia adquirir conhecimento novo, ampliar repertório e tornar o ser humano ativo, capaz de ter domínio sobre a própria realidade. A experiência da leitura não pode ser subestimada frente à denominada sociedade da informação pautada em informações superficiais. Adquirir conhecimento não é aprender a informação e reproduzi-la mecanicamente, pois esse comportamento torna a sociedade fabricada e manipulada, incapaz de sentir experiências e de ampliar o saber (LARROSA, 2002).

Geralmente a aprendizagem é dita como significativa, no entanto, mantém-se pautada no ato mecânico de respostas pré-moldadas diante de textos informativos visando uma resposta pronta, fato que infelizmente anula uma possibilidade de extrema importância: a experiência (LARROSA, 2002). Além de tudo isso, os currículos escolares apresentam-se numerosos e de forma acelerada, o que torna a experiência um item ausente, sufocada pelos excessos. O fenômeno da experiência requer repouso, calmaria, reflexão, um novo jeito de olhar, de sentir, de escutar e de perceber a própria transformação que ela provoca, segundo Larrosa (2002, p.

<sup>1</sup> Docente Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga (FAIBI). Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara, São Paulo, Brasil. E-mail: [patty\\_gb.ferrari@hotmail.com](mailto:patty_gb.ferrari@hotmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação, e da Graduação em Pedagogia – Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara, São Paulo, Brasil.

26) encontra-se naquilo “[...] que nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forme e transforma [...]”.

Diante dessas reflexões, podemos perceber que a leitura de um clássico não pode ser algo que apresente apenas informações, retratos de uma época ou a tradução de um sentimento de um povo. A obra literária traz consigo experiências para serem partilhadas, transformações para serem vividas, então, não pode ser apresentada como uma simples ferramenta de informação.

Ao relacionar-se de modo peculiar com a leitura o homem passa a ser capaz de perceber a realidade que o rodeia de forma crítica e reflexiva, sendo agente nesse processo de existência. Ao refletir sobre a realidade obtém condições de atuar sobre ela, transformando-a de acordo com suas necessidades, tornando-se ativo na história e no tempo (FREIRE, 1979).

Dessa forma, a educação atua de forma instigante no saber, faz o homem buscar, criar e transformar a realidade. A leitura favorece que o aluno estabeleça relações entre o texto e sua experiência de vida, ao que marcando o que Freire (1979) denomina por criticidade; e permite uma identificação com o conteúdo vivenciado pelos personagens, passando a aplicá-lo à sua própria vida.

O papel ativo que o processo educativo tem na vida do indivíduo é capaz de levar o homem a olhar a realidade com mais profundidade, sem ingenuidade e livre de preconceitos. Sendo assim, a educação deve relacionar-se com o sujeito considerando-o ativo, reconhecendo-lhe seu caráter múltiplo.

Nesse contexto, a leitura de um clássico é sempre uma experiência única, mesmo que retomemos o mesmo texto em vários momentos da vida, a cada vez teremos percepções diferentes em momentos distintos; refere em contrapartida, que ler um livro por dever tolhe todo o encanto proposto na leitura espontânea, visto que leitura e imposição são termos que não combinam com leitura e prazer (CALVINO, 2007). Reflexões semelhantes são postas por Klebis (2008) ao chamar atenção para o fato de que o aluno como leitor deve ser visto como sujeito do processo de leitura, para conseguir trazer experiências próprias a serem valorizadas na sala de aula.

Mafra (2013) ao observar como a escola vem se relacionando com seus alunos-leitores e quais as dificuldades enfrentadas, constatou uma fragmentação da Literatura com envolvimento considerado positivo entre alunos de quintas e sextas séries, passando a ser menor entre os oitavos anos e primeiro ano do Ensino Médio, o quê instigou reflexões sobre a necessidade de melhorias para manter o interesse na prática da leitura literária, em todas instâncias na escola. Interesse esse que surge, de acordo com o autor na reflexão sobre o texto lido, que conduz ao desejo de ler mais para saber o desfecho da história escrita.

### **A voz dos alunos sobre a prática de leitura vivenciada**

A obra escolhida pela professora para leitura foi *O Quinze* de Raquel de Queiroz, devido a quantidade de volumes disponíveis na escola, mesmo assim, os alunos leram em duplas ou trios devido ao número restrito de exemplares. Durante as aulas repetia-se a rotina de leitura de trechos da obra em voz alta por alguns alunos, enquanto outros redigiam resumos para avaliação, e de breve discussão. Ficou evidente na observação que durante a leitura os alunos identificavam-se com o texto interpretando-o na leitura, mesmo que isso não fosse previsto.

Durante as entrevistas, os alunos corroboraram essa impressão, ao sinalizarem que gostariam de ter participado da escolha do livro, com desejo de participarem ativamente do processo de leitura podendo expressar opiniões e relacionar o que foi apresentado na leitura com fatos de seu cotidiano. Apesar das limitações, o ato de ler foi além da sala de aula, pois suas falas revelaram criticidade e identificação com o texto lido, como por exemplo:

[...] Eu senti o livro e... tipo assim, que nem alguns capítulos meios tristes você sente né? você fica comovido [...] você hum... se envolve, você entra dentro da história e começa a sentir o que as personagens sentem. (Identificação)

O que eu posso usar? por exemplo, por uma consciência porque teve aquela seca e muita gente ficou sem água, então agora eu posso economizar água porque eu aprendi com o livro. (Criticidade/Identificação)

[...] o livro me trouxe pra... pra eu valorizar mais a minha família, porque eles perderam, os personagens perderam os filhos, e então eu usei isso pra mim, pra mim valorizar meu pai, meus pais e não só os pais como minha família toda. (Criticidade/Identificação)

A maior parte dos alunos não permaneceu passiva perante o livro, criando estratégias para o decifrar, página à página, relatório a relatório, avaliação por avaliação, e manifestando o interesse na leitura de um clássico e de ampliar a própria capacidade de ler.

### **Considerações finais**

Na ótica dos alunos participantes desta pesquisa há relevância na liberdade de escolha da obra a ser lida em aulas de literatura de clássicos, para incentivar o interesse no texto. Um próprio olhar com criticidade e identificação com o texto, evidenciou-se nas falas dos alunos apesar das amarras impostas por aspectos organizacionais. A experiência com leitura vivenciada por eles, carregou em si uma força própria pela chance de poder ler um clássico, mesmo que sem a autonomia da escolha espontânea, porém despertando a confiança na própria capacidade de ler e refletir sobre o que leu.

### **Referências**

CALVINO, Italo. 1923-1985. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. Leitura na escola: problemas e tentativas de solução. In: SILVA, E. T. da (Org.). *Leitura na escola*. São Paulo: Global. ALB-Associação de Leitura do Brasil, 2008. p. 33-46.

LARROSA, Jorge Bondia. *La experiencia de la lectura: Estudios sobre literatura y formación*. Primera Edicion. Fondo de Cultura Económica, 1996.

MAFRA, Núbia Dellane Ferraz. *Leituras à revelia da escola livro eletrônico*. Londrina: Eduel, 2013.